

Inflação vira o jogo novamente

O Brasil, com a recessão, ganhou o primeiro tempo contra a inflação, mas o jogo virou com os 8% em junho, que fizeram o índice anual voltar a subir para 97,6%. Uma inflação de 6,5% em julho — hipótese otimista, considerando os aumentos de açúcar, cigarros, telefone, ônibus e táxi, além do impacto da cobrança do Finsocial — já levará a taxa em 12 meses a romper novamente a barreira dos três dígitos.

A queda da inflação no ano passado foi “um subproduto favorável da recessão, cujo principal objetivo foi equilibrar as contas externas do país”, como diz o professor da PUC, André Lara Resende. Esse ano, contudo, o Governo não tem a mesma facilidade para usar este instrumento: a economia, que ainda não se recuperou da queda da atividade em 81, não pode ser ainda mais castigada num ano de eleições.

Além de pagar mais caro todas as semanas nas feiras e nos supermercados, a população sofre os efeitos da inflação elevada em vários outros níveis: os aluguéis ficam mais caros (já que a correção monetária está atrelada à inflação) e a concentração da renda aumenta.

As exportações brasileiras também são afetadas com a alta da inflação, se a taxa cambial (desvalorização do cruzeiro) não acompanha a real diferença entre cruzeiro e dólar. Nos primeiros quatro meses do ano, indica o economista Helson Braga da Fundação Centro de Estudo do Comércio Exterior, a desvalorização necessária do cruzeiro deveria ter sido de 26,9%, quando foi apenas de 21,8%.